

DISCURSOS E TRAJETÓRIAS DE ESTUDANTES BRASILEIROS AFRO-DESCENDENTES NO ENSINO SUPERIOR

SPEECHES AND TRAJECTORIES OF BRAZILIAN AFRO-DESCENDENTS IN HIGHER EDUCATION

DISCURSOS Y TRAYECTORIAS DE ESTUDIANTES BRASILEÑOS AFRO-DESCENDIENTES EN LA EDUCACIÓN SUPERIOR

Gilberto Ferreira da Silva¹

Rejane Penna²

Resumo:

Constata-se na última década um crescimento nos estudos associando o debate das relações raciais a questões específicas, tais como as relações de poder, identidade, cultura etc... Esse quadro, ainda que amplo, de pesquisas e análises, não se repete no campo específico das relações pedagógicas no processo formador de professores. Alguns trabalhos recentes têm focalizado suas preocupações neste último aspecto, destacando histórias e trajetórias desses profissionais já formados. Entretanto, duas questões carecem de estudos: a primeira é que os estudantes afro-descendentes, em processo de formação, não constituem preocupação nesse universo; a segunda é que a metodologia de análise das entrevistas orais é incipiente. Buscando contribuir para o preenchimento de uma lacuna metodológica e, ao mesmo tempo, trabalhando com a problemática acima exposta, construiu-se um modelo teórico para a interpretação das entrevistas. Objetivou-se não apenas descrever, mas desvelar o sentido do texto, numa análise que implicou em entender como o fenômeno se inseriu no contexto do qual fez parte.

Palavras-chave: fontes orais; metodologia; afro-descendentes; formação de professores; universidade.

Abstract:

In the last decade, one has observed an increase in studies linking the debate over racial relations to specific questions, such as that of power relations, identity, culture, and so

¹ Doutor em Educação pela Universidade Federal do Rio Grande do Sul. Leciona no Curso de Pedagogia do Centro Universitário La Salle, em Canoas/RS. E-mail: ferreira@unilasalle.edu.br

² Doutora em História pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Leciona no Curso de História do Centro Universitário La Salle e é Historiógrafa do Arquivo Histórico do Rio Grande do Sul. E-mail: rejane@unilasalle.edu.br - Correspondência para: Rua Gonçalves Dias nº 22, ap.305, Menino Deus. Porto Alegre/RS, CEP. 90130.060

forth. This scenario, no matter how widespread, of researches and analyses is not repeated in the more specific field of the pedagogic relations evolved in the process of forming/instructing teachers. Some recent works have focused on this latter aspect, highlighting the histories and paths taken by these professionals who have already graduated from college. Two subjects, however, are lacking research: the first is that African-descendant students in this process of studying to become teacher are not taken in consideration in this context; the second is that the methodology of analysis of the oral interviews is incipient. In a quest to fill in this methodological gap, without excluding the problematic situation above mentioned, the authors built a theoretical model for interpreting the interviews. The goal was not only to work on a description, but to uncover the meaning of the text, by means of an analysis that required understanding how a phenomenon found itself in the context was it was.

Keywords: Oral sources; methodology; African-descendants; teacher instruction; university

Resumen:

Se verifica en la última década de los estudios que asocian el debate de las relaciones raciales con cuestiones específicas, tales como las relaciones de poder, identidad, cultura y otras. Este cuadro, aunque amplio, de encuestas y análisis, no se repite en el campo específico de las relaciones pedagógicas del proceso formador de profesores. Algunos trabajos más recientes han ubicado sus preocupaciones en éste último aspecto destacando historias y trayectorias de los profesionales ya formados. Pero dos cuestiones todavía necesitan estudio: la primera es que los estudiantes afro-descendientes en proceso de formación no constituyen una preocupación en este contexto y la segunda es que la metodología de análisis de las encuestas de fuentes orales es incipiente. Buscando contribuir para llenar el vacío metodológico al mismo tiempo en que se trabajaba con la problemática expuesta, se construyó un modelo teórico para la interpretación de las encuestas. Se objetivo, además de hacer una descripción, desvelar el sentido del texto haciendo una análisis que implico entender como el fenómeno tuvo inserción en el contexto del cual hace parte

Palabras-clave: Fuentes orales; metodología; Afro-descendientes; formación de profesores; universidad.

1. O problema em questão

Alguns estudos, com a perspectiva de resgatar e demonstrar por onde andam as preocupações sobre as relações entre raça e educação, permitem formatar um quadro inicial desse campo de reflexões e suas exigências. Destaca-se a análise desenvolvida de uma forma mais abrangente por Regina Pahim Pinto (1997, 2002a e 2002b); os estudos de Silva (2000), especificamente no estado do Rio Grande do Sul e de Fleuri (2003).

A abordagem de Pinto aponta que as pesquisas sobre formação de professores centram-se em questões como: análise dos livros didáticos, identidade, valorização da auto-estima de crianças negras, resgate e valorização da cultura afro-brasileira, etc. No entanto, conforme destaca a própria autora, preocupações com o alunado negro e a diversidade cultural “ainda são praticamente ignoradas” (Pinto, 2002^a, p.116). Outro estudo realizado por Pinto (2002b) busca localizar quais são as temáticas que estabelecem relações entre as questões étnico-raciais e o universo da educação. A autora analisa a produção veiculada por três revistas de responsabilidade de programas de pós-graduação em educação. Identifica temas como sistema educacional, formação de professores, preconceito e discriminação racial, identidade e educação multicultural, movimentos sociais, cultura e ação afirmativa. Os acréscimos a esse campo de estudos ficam por conta da inserção das temáticas: movimentos sociais e ações afirmativas. .

Já no que diz respeito ao estudo realizado por Silva (2000) no contexto gaúcho, as pesquisas e produções sobre negro e educação, em um dos estados de maior concentração de população branca do país, seguem a perspectiva apontada por Pinto. As temáticas que ganham visibilidade e interesse dos raros pesquisadores, na grande maioria também negros e militantes do movimento negro, restringem-se a questões como livro didático, identidade, literatura, auto-estima de crianças negras e currículo. Segundo Silva, as preocupações dos pesquisadores gaúchos ganham uma reorientação a partir da segunda metade da década de 90, quando se destacam alguns trabalhos de pesquisa (dissertações de mestrado e teses de doutorado) que ampliam esse espectro, abordando questões como as relações de poder, diversidade cultural, relações de gênero e história, assim como trajetórias de professoras negras. Mesmo com esse volume de trabalhos apresentando direcionamentos novos no âmbito da pesquisa sobre negros e educação, o processo de formação de professores é praticamente inexistente nas produções.

Finalmente, o estudo levado a cabo por Fleuri (2003) toma como ponto de partida a análise dos trabalhos apresentados na 25^a Reunião Anual da Associação Nacional de Pesquisa e Pós-Graduação em Educação (ANPED), realizada em 2002. São identificados, nessa edição da reunião, cerca de 72 trabalhos que colocam o tema da diferença e da identidade cultural como centro das pesquisas desenvolvidas por educadores no país. Os trabalhos circulam por temas como gênero, cultura indígena, estética negra, música, surdos, grupos étnicos, juventude e ensino médio, etc. Não

obstante, a variedade de temas que trazem contribuições à discussão sobre a diferença e a diversidade cultural, as preocupações com os processos formadores de educadores continuam recebendo pouca atenção. Um dos alertas de Fleuri em relação ao papel do educador em contextos de diversidade cultural e de potencialização da diferença consiste em apostar que o educador possa desencadear e propor estímulos aos estudantes, “ativando” dessa forma suas diferenças, tanto entre seus pares quanto entre seus contextos culturais.

A apresentação desse cenário da produção sobre diversidade cultural, questões raciais e educação, ressaltando os estudos, ou mesmo, conforme se pôde constatar, a quase ausência no âmbito dos processos formadores de educadores, permite apresentar as fragilidades para estabelecer o confronto com outros estudos e, portanto, perceber os possíveis avanços que pesquisas neste âmbito possam estar trazendo. Talvez a explicação para a carência de estudos que melhor aprofundem as diversas facetas da problemática racial, incluindo a formação do professor negro, possa ser esclarecida pela reflexão de Magalhães (2000) destacando que a representação mítica de uma sociedade brasileira sem preconceito ou discriminação tem origem na idéia, muito difundida nos Estados Unidos e Europa, de que o Brasil não tem uma linha de cor e, portanto, as ‘pessoas de cor’ teriam as mesmas oportunidades que as brancas em relação a questões de trabalho, saúde e prestígio.

Nesse sentido, se associarmos a preocupação com o uso de metodologias de análise de fontes orais nessa temática, o quadro se reduz ainda mais, mesmo que a utilização da história oral em estudos relacionados à História da Educação tenham se multiplicado a partir dos trabalhos iniciais desenvolvidos pelo CERU – Centro de Estudos Rurais e Urbanos – USP, “Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias dos professores da 1ª República” (DEMARTINI, 1980). E ainda, segundo Duran (1998, p.57) com o trabalho precursor de Pineau, em 1980, intitulado “Vidas das vidas de professores”.

Também destaca-se o trabalho de Fonseca (1997) que apresentou uma extensa revisão bibliográfica analisando as concepções teóricas que a subsidiaram na decisão de utilizar as fontes orais para trabalhar as interpretações de professores sobre suas atividades como educadores e os diferentes sentidos que atribuíram as suas experiências, articulando vida pessoal e profissional.

Entretanto, Nóvoa (1995) já alertava para a proliferação de trabalhos abordando histórias de vida, quase sempre recorrendo às fontes orais com pouca ou nenhuma reflexão teórica, esvaziando os conceitos de sua carga teórica conceitual, negando uma mera apropriação naturalística das histórias de vida

Justifica-se então uma investigação que busque o avanço do conhecimento na questão da formação dos professores negros por intermédio da forma como representam sua trajetória, o que será potencializado pela aplicação de uma metodologia de análise de suas falas, buscando superar uma das maiores dificuldades no tratamento das fontes orais, que consiste na interpretação das entrevistas, indo além das meras impressões ou superinterpretações (Penna, 2005). Dessa forma buscaremos o que Duran (1998, p.45) denominou de “tecer os fios de uma abordagem que se constrói numa confluência de saberes: da memória, da história oral e do itinerário formativo e profissional de educadores”, refletindo sobre a natureza do processo de recordar como um elemento chave na compreensão do significado subjetivo das experiências humanas, permitindo a construção de uma modalidade inovadora e diferente de diálogo entre memória e diversas áreas do conhecimento.

O projeto de pesquisa que mobiliza a construção dessa reflexão de caráter teórico metodológico teve início no final de 2004, encontrando-se em fase de execução final. A preocupação, ao propor esta pesquisa, parte da idéia de contribuir – como já o fizeram outros pesquisadores (Spósito,1993, é um exemplo) - para o registro e sistematização de dados empíricos que possam auxiliar na compreensão desse universo sócio-cultural e educativo e orientar a implementação de políticas públicas voltadas para a erradicação do racismo, do preconceito e dos processos excludentes que atingem as populações de afro-descendentes. Da mesma forma, esta pesquisa coloca como centralidade as estratégias e percursos destes estudantes no seu processo formador nos cursos de licenciaturas.

Para o levantamento de dados se trabalhou com entrevistas semi-estruturadas, de caráter qualitativo, optando-se por localizar estudantes que pudessem ser associados pelas características físicas à afro-descendência (como por exemplo a cor da pele). As entrevistas se desenvolveram a partir de um esquema básico, porém flexível, não aplicado rigidamente, permitindo que o entrevistador fizesse as necessárias adaptações de acordo com a dinâmica do entrevistado..

Cabe também destacar o perfil dos pesquisadores envolvidos na construção desta reflexão, considerando que a metodologia de análise dos discursos efetuada reconhece o lugar ocupado por quem analisa, bem como de onde se posicionam para construir a tecitura do texto. Um dos pesquisadores é do sexo masculino, educador, trajetória de formação marcada pela inserção junto aos movimentos populares e, em especial, junto ao movimento negro, denomina-se como afro-descendente. A segunda pesquisadora, de sexo feminino, branca, historiadora, sempre trabalhou junto ao ensino superior, não possuindo experiência de pesquisa específica junto a afro-descendentes, mas com categorias e grupos excluídos, em geral, por intermédio do trabalho com história oral. Incluímos, adiante, também os dados dos entrevistadores, levando em consideração que a entrevista não se constitui como diálogo, mas como colóquio induzido “aquele no qual um dos interlocutores não é espontâneo” (Urbano, in: Preti, 1997, 99-100), já que se trata na realidade de um entrevistador que atua com intenção premeditada

2. Metodologia de análise dos depoimentos

A pesquisa se desenvolveu junto a professores de uma comunidade específica, circunscrevendo-se em uma perspectiva determinada espacialmente. A partir do local consideramos que o espaço social é integrado pelos indivíduos que o percebem e o representam, a partir de suas formações ideológicas, remetendo a Paul Ricoeur (1969) que analisa toda ideologia como simplificadora e esquemática. A ideologia opera, assim, um estreitamento das possibilidades de interpretação dos acontecimentos, tendendo a permanecer estanque enquanto a história se transforma. As representações são entendidas aqui de acordo com Hall (1997, p.61) que as considera como processo pelo qual membros de uma cultura usam a língua (amplamente definida como qualquer sistema que empregue signos, qualquer sistema significante) para produzirem significados. Esta definição já carrega a importante premissa de que as coisas – objetos, pessoas, eventos do mundo – não têm em si qualquer significado estabelecido, final ou verdadeiro, sendo na sociedade que fazemos as coisas significarem e que significamos.

Então, todo o sistema de representações, independente do que enfoca, poderá ser associado a um escopo ideológico, pois a ideologia é operatória e não temática, sendo a partir dela que pensamos.

Os pressupostos sobre ideologia em Paul Ricoeur podem ser integrados ao de formação discursiva, conceito desenvolvido por Foucault e utilizado pela segunda geração da Análise de Discurso Francesa (pós anos 70), que trabalha com a heterogeneidade discursiva (Pereira, 1991, p.11).

Dentro dessa perspectiva acredita-se não ser possível separar língua e exterioridade, pois não há sentido no lingüístico sem a exterioridade e um acontecimento histórico na visão de um indivíduo coloca em relação sua memória, uma realidade estruturada e uma atualidade, resultando em determinada materialidade discursiva.

Instala-se então um espaço para o acontecimento cujos objetos produzidos não estão presos a uma logicidade dada anteriormente, mas às condições históricas de produção de sentido. Essa historicidade impede o sentido de se sedimentar porque há um real que insiste em ser considerado, sendo impossível de ser captado como um todo e do mesmo modo por todos os sujeitos do discurso.

Este ponto, onde se dá a injunção de língua, sujeito e história, se constitui o lugar da opacidade da língua, do equívoco – constituindo-se no espaço onde trabalha a interpretação.

Configura-se, então, o conceito que se utilizará da Análise de Discurso - o de formação discursiva - como aquilo que numa formação ideológica dada, a partir de uma posição numa conjuntura específica delimita o que pode e o que deve ser dito, pois as formações ideológicas concretizam-se nas formações discursivas.

Esses pressupostos indicam que as palavras e expressões mudam de sentido de acordo com as posições sustentadas por aqueles que as empregam, adquirindo seu significado em referência às formações ideológicas nas quais essas posições se inscrevem. Enfatiza-se a ilusão do sujeito em ser a fonte do sentido e do seu pensamento e, ao descentralizar essa noção de sujeito, centraliza-se a problemática nos sistemas de representação.

Ao pensar-se nas subjetividades e nessa relação com o outro Paul Ricoeur tem se apresentado, na tradição contemporânea, como um expoente nessa preocupação de se compreender o dito distanciando-se em parte da pretensão psicanalítica e concentrando-se na linguagem:

Nessa direção, o narrador expressa em sua fala seu contexto ideal, pois traz de volta coisas perdidas no tempo. Ele as significa e as coloca em movimento como um mecanismo de compor

pedaços de uma história que, ao ser vivida, demonstra a possibilidade de trazer dados que se conectam com o imaginário da época. Ao que tudo indica, o narrador diz de um mundo que ele construiu com cacos que restaram do passado. Este mundo representa para o ouvinte histórias que têm seu valor, de forma individual ou coletiva. Isso porque o ‘mundo contado, é o mundo do personagem e é contado pelo narrador’ (Ricoeur, 1995, p.147)

Dentro dos pressupostos apontados, utilizando elementos integrantes de qualquer análise qualitativa, nas suas características de hermenêutica controlada, baseada na dedução – a inferência³ – buscou-se recursos para compreender a entrevista para além de simples intuições. (Szymanski, Almeida e Prandini, 2002, p.63), tentando-se na prática a superação da ilusão de transparência (Bardin, 1995, p.9).

Como o discurso é caracterizado pela dispersão, por uma desordem aparente de sentidos, buscou-se o desvelamento do conteúdo, o que foi proporcionado pela análise das formações discursivas, componentes das formações ideológicas, pois as palavras variam seu sentido ao passarem de uma formação discursiva para outra, mudando sua relação com a formação ideológica.

Da hermenêutica adotou-se a problemática de saber como é possível interpretar as descrições de sentido subjetivamente intencionais, tendo em conta o fato de passarem pela subjetividade do próprio intérprete. Tomou-se como ponto de partida a metodologia descrita e aplicada por pesquisadoras na área da Educação, no caso o trabalho desenvolvido por Szymanski, Almeida e Prandini (2002).

Aplicando a metodologia, no quadro I escolheu-se trechos da entrevista que enunciavam a visão de mundo do depoente, a qual continha elementos de múltiplas formações discursivas. O objetivo não foi identificá-las como pertencentes a determinados tipos de discursos ideológicos, mas configurar uma visão de mundo relativa a temas específicos que depois serviriam para perceber o quadro dentro do qual os entrevistados representaram as estratégias de inclusão no seu processo de formação como professores.

Após, no quadro II, recortou-se trechos do relato relacionados com a escolha e trajetória profissional, com uma primeira descrição, denominada de Descrição I. Então, realizou-se o trabalho intradescriptivo, a partir da releitura do texto de referência, construindo-se o quadro III, em que se reescreveu a Descrição I, no sentido interpretativo,

³ Para situar o conceito de inferência em análises qualitativas ver Constantino, 2002

a partir da seleção dos itens emergentes, referidos como unidades de significados, denominando-se de Descrição II, onde surgiu o oculto por intermédio do aparente, auxiliando em desvelar os sentidos das narrativas. A seguir, expõem-se os quadros:

Dados depoente
Entrevistador: Elba Gamino, afrodescendente, estudante de Curso de Pedagogia
Entrevistado: A.P.S, nascida em Porto Alegre. Leciona nas séries fundamentais no ensino privado.
Família: pai com ensino fundamental incompleto. Mãe com formação superior (Letras).
Todos os irmãos têm formação superior (Educação Física e Pedagogia Empresarial e Direito)

Quadro I – Formação discursiva
<p>Questão racial: <i>A questão do preconceito eu acho que é falta de conhecimento e quem já está na faculdade já tem mais uma maneira de ver as coisas. Eu nunca senti nada de discriminação, assim nada.</i> - Quando se percebeu negra: <i>(...) provavelmente desde pequena (...) quando a gente estuda em colégio estadual tu não sentes a diferença, porque a maioria, tu encontra muitos negros, então tu te identificas? Se me colocassem em uma escola particular, vamos supor, que nem ali na minha turma, nas minhas duas turmas que eu trabalho, de primeira a quarta série, não tem nenhuma criança negra.</i> <i>(...)_ Eu acho que foi depois na adolescência, o tipo de música, eu gosto mais de pagode, que é uma coisa mais de negro, assim? Da raiz, assim eu acho que começou por aí.</i></p> <p>Valores familiares: <i>(...) a minha mãe sempre me ajudou a pagar a faculdade e grande parte, assim eu vejo, que foi de esforço próprio mesmo, que desde os 15 anos que eu trabalho fora. Então já tem um costume de sempre trabalhar para ter o teu salário? E de ter responsabilidade desde cedo. Então eu acho que isso foi todos os valores que a minha mãe nos ensinou, não só a questão financeira, mais a questão da cultura.</i> P: Toda a tua família tem uma formação ... R: Tem, é, acho que até pela uma questão de cultura assim, é uma coisa que a minha mãe valoriza, então é uma coisa que desde pequena trabalhando para que a gente chegasse no nível superior e concluir.</p> <p>Visão da educação: <i>Eu não tenho nada a reclamar, claro que têm professores que deixam a desejar, mas daí eu acho que vai do interesse do aluno, de ir atrás, o assunto chamou a atenção, vai atrás da pesquisa.</i></p>

Quadro II – Relatos s/trajetória
Descrição 1
Escolha profissional
<i>Eu fiz o Magistério e aí no Magistério eu comecei a fazer estágio, já tem mais aquele</i>

contato direto e aí, dentro desse contato eu fui me identificando, vi que era uma das coisas que eu gostava de fazer e aí eu disse – ah,, vou continuar o magistério que é a Pedagogia, né, é a mesma linha de estudo, mesma área do conhecimento é diferente, mas não sai do mesmo foco da área da Educação.

Dificuldades quanto à formação profissional:

Foi mais a questão financeira, só a questão de custear mesmo, de ter que pagar a faculdade, fora isso assim eu não tinha nenhuma dificuldade.

P: colegas negras no curso: Geralmente assim a cadeira tinha umas 20 e nós éramos 2 ou 3. Sempre a minoria.

P: E as professoras?

Eu tive só a Claudia e a Neusa. Acho que só as duas.

Percepção do racismo na escola:

(...) eu percebo isso nas crianças que eu trabalho? Outro dia até me chamou a atenção, eles tavam vendo uma revista de moda que tinha aquela modelo Naomi, que ela é negra? E aí um menino da quinta série disse – ai que linda eu acho essa mulher. Eu posso arrancar essa folha para mim? E daí o outro, que era o dono da revista disse: Tu achas essa mulher linda?(...) Eu não acho.

Mas porque tu não acha ela bonita? Porque ela é negra.(...)

- Bah, olha lá a profe. A profe é negra também. Tu acha ela feia?

- Não, eu acho ela linda.

Daí eu vejo assim, a questão do preconceito que já vem de casa né, desde pequeno eles já tem uma idéia formada. (...) Então eu comecei a reparar mais, já pequei outras revistas, outras situações, na hora do conto livro de histórias de crianças negras, para ver como é que eles estão reagindo, como é que esse conceito está trabalhado, que ele já vem pronto de casa.

O único espaço que a gente teve foi na aula de história, com essa professora que é negra, até porque na época que eu fiz, foi quando o Lula fez aquela lei que, de entrar no currículo a história dos afrodescendentes, nessa cadeira se discutiu muito a história de vida, a gente trabalhou com depoimento, desde a professora, como é que foi, tinha eu e jamais uma aluna, que também era negra.

P: Sobre se havia sentido preconceito, na universidade e na sala de aula:

-Não, nunca senti.

P: E no pós?

-Também não, no pós eu sou a única negra.

Quadro III – Unidades de significado – Descrição 2

Questão racial:

Racismo é questão de percepção pessoal

Preconceito racial denuncia baixa formação cultural

O meio da escola pública não proporcionou a noção da diferença, já que relacionava-se com outros negros.

A identificação com elementos típicos do que se considera cultura negra posicionou-a como negra para si mesma.

Contradição: não percebeu racismo e as dificuldades foram apenas financeiras, mas detecta a raridade de negros no curso superior). Constatou o racismo a partir de uma situação em sala de aula (caso da modelo).

Questão familiar:

Esforço individual incentivado pela figura da mãe. O pai, sem formação superior, não integra este trecho da formação discursiva.

Questão educacional:

Esforço pessoal e educação como formas de crescimento e superação da inferioridade social.

Dados depoente

Entrevistador:: Elba Gamino, afro-descendente, estudante de Curso de Pedagogia

Entrevistado: E.S.P., nascido em Alvorada, morador em Porto Alegre, 25 anos, formado em Educação Física. Bolsista de pesquisa e *personal trainer*. Os pais estudaram até a quinta-série. Tem um irmão que cursou até o ensino médio.

Quadro I – Formação discursiva

Visão de mundo

Tu sabe as vezes as pessoas falam que sofrem, que isso, que aquilo, claro que é duro vontade de largar tudo mais, não significa que, não é, não é, se tu fizer da tua vida um prazer fazer as coisas. Tu não pode sofrer por antecedência, sofrer por antecipação, isso não pode

Questão racial

Porque no nosso curso, na nossa prática assim, a gente trabalha com as diferentes e diferentes culturas, com diferentes povos, com diferentes pessoas... trabalha diretamente com então isso é algo que tá nas entrelinhas que não existe como eu chegar ali e tratar o fulaninho o cicraninho de outro, principalmente no esporte ou como personal trainer, com que eu trabalhava falando, que tu tava me perguntando, daí eu tava pensando... eu nunca tive professor assim que percebe-se que é negro. E também na, na ... na escola né, na universidade nunca tive nenhuma aluna de personal negra. Eu acho que na academia que eu trabalhava academia um pouquinho de nível, um pouquinho não, de nível mesmo, uma academia de ah... dá pra se contar dos dedos os negros.(...) e alunos negros cinco eu acho, quatro ou cinco no máximo, aí vem a questão social, aí já vem todo um processo por traz disso.

Quadro II – Relatos s/trajetória

Descrição 1

Dificuldades quanto à formação profissional:

Quando eu estudei em escola particular, eu tive outros níveis sociais de amigos, então lá assim, lá eu tinha que praticar esporte, ser o melhor no esporte, e muito bom em sala de aula porque se não eu tomava as pelada sempre, não tinha, então sempre foi uma provação assim, aprendi a conviver com isso. Tendo que provar.

E colegas, quantos alunos tu acha que tinham teus colegas na faculdade...

Negros?

Negros.

Dá pra contar nos dedos. Assim meus colegas que conviveram comigo na faculdade (...) E professores?

Tinha um professor negro que ele foi demitido (risos) mais não foi, eu penso, não foi pelo fato de ser negro, foi por outro motivo.

Percepção do racismo

No ensino fundamental e no ensino médio isso aconteceu muito, e muitas vezes, não. Eu sempre achava que era porque eu era negro, que os caras tavam me enchendo o saco, me perseguindo, bom, a partir de um determinado momento comecei a perceber que isso não era assim, não é eu querendo bater de frente com os caras que eu vou resolver.

Preconceito existiu... existe e, mais não tem como, isso não me, me incomoda mas não me, não chega a atrapalhar a minha vida. Não me atrapalha mais.

Com os professores até acho que nunca tive esse, que eu lembre, assim né, talvez eu não tenha percebido, sutileza, porque existe todos nós temos preconceitos, cada um tem seus preconceitos, eu tenho os meus preconceitos, tu tem os teus, então daqui apouco a gente não deixa as pessoas perceberem, né, então....

E aqui na universidade tu percebeu algum tipo de preconceito?

As brincadeiras sempre existem, isso não tem como, é inevitável, daí depende como tu encara isso né, se é com sofrimento ou sem sofrimento.

Como é que tu encarou?

Eu sem sofrimento (risos) não tive muito... claro que eu sempre defendi as questões raciais, as questões sociais, as questões de nível assim, até aonde eu podia interferir e tal, mais eu não transformei isso num ...numa marca registrada porque eu acredito que aí sim isso poderia me atrapalhar

Favorecimentos

Tu também disse que não percebeu nenhum tratamento diferenciado pelos professores.

Sabe assim que alguns professores até tem um tratamento a meu favor sabe, em determinado momentos eu ficava um pouco constrangido porque claro que não era pelo fato de eu ser negro, eu quero acreditar que não seja por isso, mais sim pelo fato de eu ser um aluno dedicado

Quadro III –

Unidades de significado –

Questão racial:

Percebeu o racismo de forma difusa, mas considera que todos têm seus preconceitos. Procurou controlar a revolta e seguir em frente

Visão de mundo

Percebe as dificuldades, mas procura superá-las enfrentando os problemas quando se apresentam

Questão educacional

A especificidade do curso, que trabalha com diferentes etnias, facilita a naturalização de lidar com a Diferença. Mas, ao perceber-se negro, verifica o quanto é difícil encontrar outros membros da mesma etnia no ensino superior

O esporte, por intermédio de uma constante busca de afirmação, trouxe-lhe a aceitação

Considera que sua capacidade e não a etnia é fator do tratamento diferenciado de alguns professores

Dados depoente

Entrevistador: Gilberto Ferreira da Silva

Entrevistado: R.S.. Pais negros; nascida em Canoas. Família numerosa.

Mora na Vila Cerne, na periferia. 39, separada, dois filhos.

Quadro I – Formação discursiva

Questão racial:

Qual é a tua cor?

A minha cor é preta

Preta?

A minha raça é negra.

Eu fiquei durante quase 30 anos da minha vida professando a religião católica e agora me aproximando mais do movimento porque a minha, a minha luta sempre foi uma luta muito isolada era uma luta mais em defesa da minha pessoa, enquanto negra.

Mais individual...

Exatamente, então a pouco, a cerca de 6, 7 anos que eu comecei a me dar conta de que não dava pra ser uma luta individual, existem muitas pessoas com a mesma problemática minha.

Valores familiares:

Meu pai não me incentivava muito até porque tu não repassa aquilo que tu não tem né... Hoje eu entendo perfeitamente mais na época assim ele não incentivava muito, né até porque ele também há um tempo atrás nós começamos a conversar sobre isso ele disse que não queria criar em mim uma expectativa que eu, que ele não pudesse sustentar

Pais e racismo: Não, meus pais introjetaram a questão de que não existem problemas raciais.

Quadro II – Relatos de trajetórias

Descrição 1

Formação profissional:

Minha família tem alguns, a grande maioria de analfabeto funcional.

A única da família que terminou o Ensino Superior.

A minha opção por fazer o magistério vou te ser bem sincera , a princípio quando eu decidi fazer o magistério ali eu já sabia que eu queria enfermagem mas não tinha condição e a única possibilidade que eu tinha pra fazer no final da tarde ou à noite né, porque eu precisava trabalhar.

Dificuldades quanto à formação profissional:

Primeiro eu comecei a trabalhar com 13 anos de idade... Como na realidade assim ó, uma família paupérrima.

Então pra ti fazer o antigo primeiro grau que é de 5 a 8 tu deveria se encaminhar para uma escola do centro né. E ai tua ia depender de uma série de outras, de outros fatores que era passagem, que era comprar os livros, e etc. e tal né. E ai eu comecei a trabalhar muito cedo, eu comecei a trabalhar com 13 anos de idade .

Aqui no La Salle foi uma peregrinação assim que eu chamo né, a minha trajetória aqui no La Salle foi uma questão de peregrinação (...) Peregrinação porque todo o final de mês eu tinha que estar batendo (bate na mesa) na porta, não lembro qual era a função mais era o irmão Idalino tá. Ele era que abonava ele que dava, provocava, tirava né, eu acho que era bem a questão administrativa hoje desempenhada pelo Renato.

E ai então eu fui trabalhar numa loja muito famosa que tinha aqui no centro no calçadão que se chamava Ofertão e daí fui ser balconista, vendedora.

Auxílios: Eu acabei conhecendo um irmão marista, o “Chequin ” , tu conhece o “Chequin” o Antônio e a Matilde e eles foram assim, as pessoas que me deram o primeiro, o empurrão assim né. Então assim eu ganhei um quite básico deles. A Matilde era professora na Unisinos (...) E ai então eu ganhei um quite básico, eu tenho até hoje o dicionário que eu ganhei, o primeiro dicionário que eu tenho que.

Percepção do racismo

Eu enfrentei essa questão financeira que eu acho que é a básica né sem contar que claro

outras dificuldades que tu encontra, o fato de tu ser por exemplo eu sempre digo que eu era uma neguinha petulante.

Por quê? (risos)

Porque na minha graduação eu encontrei muito poucos alunos negros.

Quando eu me dei conta disso... Quando eu já lá no fundamental a sofrer algumas humilhações.

Eu sofri esse tipo de discriminação em dois sentidos, no sentido de que eu sempre fui curiosa e metida, sabe, era eu que queria responder, era eu, era eu, e tinha concurso e eu acabava me salientando.

Eu achava horrível, eu achava feio e eu me achava feia muito feia enquanto negra né, hoje isso já tá muito bem resolvido também, mais assim então eu tentava, sabe, eu tentava esconder esse meu cabelo. E um dia eu estou na escola na hora do recreio alguém passa e puxa a minha toca daí descobre o meu segredo né. E daí eu virei um bicho, e agredi a pessoa eu machuquei mesmo eram dois meninos. (...)

No magistério eu também não me alertei muito para isso, talvez eu tenha sofrido inúmeras situações muito sutis né e não tenha me dado conta que aquilo era discriminação mas no ensino superior eu já estava mais atendida. Eu já tinha lido muita coisa, já tinha me inteirado de alguma coisa.

Que tipo de situações no Ensino Superior?

Eu tenho necessidade que eu não sei nem da onde essa necessidade de me superar. Não sei se é pelo fato de que os negros precisam muito se reafirmar nessas situações assim que eu tenho essa necessidade de me superar, eu tenho que estar sempre me superando. E aí eu fui fazer a prova essa e eu tirei 3 e ele olhou pra mim e disse assim, eu era uma das únicas alunas que tinha que fazer substituição de grau, praticamente a única e ele disse pra mim que ele não ia elaborar uma prova especificamente pra mim... (...) aí eu voltei né, daí eu voltei no outro dia e disse pra ele não me interessa se eu vou ou não consegui o que me interessa é que eu tenho direito, daí ele olhou pra mim e disse assim: "ainda tem alguns alunos que são metidos a fazer inglês, tu deveria por exemplo fazer "africanês"

Quando tu percebe que na realidade os teus colegas por ter uma situação financeira um pouco melhor eles vão apresentar esse tipo de material tu te envergonha de ter material alternativo. Aí fica bem claro não a questão racial mais a questão do aluno pobre, ele é completamente ignorado.

Quadro III – Unidades de significado

Descrição II

Questão racial:

Transformação de valores individuais para sociais na luta contra o racismo.

Discurso engajado – ênfase na nomenclatura cor/etnia

Negro não submetido é discriminado

Baixa auto-estima. Gradual aceitação das características de ser negra, auxiliado pelo processo educacional.

A discriminação ocorre bem mais por condição social do que por racismo

Formação familiar

Falta de incentivo doméstico, a partir de uma forma de realismo não gerador de expectativas difíceis de cumprir. Aceitação do papel social do negro.

Questão educacional

Escolha profissional determinada pelas necessidades

Dificuldades financeiras para concluir os estudos, tendo que desempenhar diversas

funções humildes para sustentar os estudos. Auxílio recebido por particulares e não por intermédio do Estado.
--

Encaminhando conclusões

O relato oral produziu um corpo documental cuja natureza convida o pesquisador a exercitar sua sensibilidade para ler nas marcas pessoais, que aparentemente individualizam o depoente, um texto que narra a experiência coletiva de professores negros.

As representações dos professores negros puderam ser melhor compreendidas ao serem inseridas em um sistema ideológico expresso dentro de determinadas formações discursivas. Dessa maneira, apresentou-se as formulações de caráter geral que direcionavam o que e como poderiam ser narradas as experiências como negros no universo educacional.

A síntese operada unindo formação discursiva e os relatos sobre trajetórias indicou que para A.P.S. o racismo possuía caráter individual e determinado pela formação cultural, sendo que o pouco aprimoramento cultural foi responsabilizado por visões preconceituosas. Sua experiência dentro da escola pública, junto a muitos colegas negros não proporcionou-lhe uma consciência da especificidade de ser negra o que ocorreu com a identificação a elementos como a música, aceitos como típicos da Etnia negra. Entretanto considerou a potencialidade do processo educacional em contribuir decisivamente para a superação da visão de mundo racista., visto considerá-la decorrente de uma formação cultural precária.

O segundo entrevistado, E.S.P., atuou dentro de uma perspectiva de percepção do racismo sem desafiá-lo, procurando contornar as dificuldades sem traumas. Sua trajetória educacional e profissional inseriu-se em uma escolha com boas perspectivas aos negros (contato com diferentes etnias e focado na atividade física, a qual, por intermédio de determinada construção ideológica seria favorável ao negro).

Considerou que o fato de ser um dos poucos negros no ensino superior não lhe trouxe facilidades junto aos professores, privilegiando seu desempenho intelectual neste tipo de conquista, discurso coerente com sua visão de mundo ao utilizar uma estratégia de não enfrentamento do preconceito racial.

Por fim, R.S; , foi a única entrevistada que manifestou claramente seu processo de uma perspectiva individualista da questão racial, evoluindo para uma consciência social do problema em sua trajetória como estudante. A ênfase na diferenciação entre os termos preto/negro demonstrou seu engajamento nas discussões dos movimentos negros que passaram a utilizar a palavra negro ao invés de preto, a partir dos anos sessenta. Segundo Magalhães (2000, p.38) o objetivo era incluir negros e pardos em uma mesma descendência comum africana, identificando-se por intermédio da origem cultural, reconstruindo a identidade negra e questionando a classificação existente.

A entrevistada R.S. apontou a formação familiar como obstaculizadora da conscientização, pois os pais aceitavam a discriminação racial, além de evitar gerar nos filhos expectativas de superação do problema, formando-os dentro de um ambiente de baixa auto-estima. Analisou que sua rebeldia, pouco aceita em negros, estigmatizou-a ainda mais, mas o processo educacional modificou-lhe a percepção, proporcionando-lhe a aceitação de suas características físicas negras, paralelamente ao abandono de uma visão individualista evoluindo para adquirir caráter social. Finalmente associou a discriminação para além da questão étnica à condição de pobreza.

Entretanto o desenvolvimento que a educação lhe proporcionou foi antecedido por muitas dificuldades, não apenas culturais, mas de ordem econômica. A escolha do curso foi determinada pelas possibilidades restritas que tinha e ainda assim apenas superou as barreiras econômicas com o auxílio de pessoas solidárias, não contando com o Estado para tal.

Unindo os três discursos, verificou-se uma certa dificuldade dos próprios afro-descendentes trabalharem a questão do preconceito racial e social, sob o peso da existência de um senso comum que dilui a presença do preconceito e do racismo no ensino.

Essa ideologia difunde-se na sociedade como um todo, influenciando comportamentos nos mais diversos segmentos e atingindo, especialmente as próprias vítimas da discriminação racial, mesmo que detentoras de formação superior, cujo silêncio contribui para na universidade os processos de discriminação e racismo sejam negados ao invés de enfrentados e debatidos.

Este trabalho pretendeu que, utilizadas de forma metodologicamente refletida, as fontes orais em pesquisas de estudos locais pudessem oferecer novos aportes para a

análise das trajetórias de estudantes afro-descendentes de cursos de licenciatura, apresentando as questões a partir de um ângulo de visão que fez aflorar o específico, o próprio, o particular, lidando com as diferenças e a multiplicidade, compreendidas em um contexto abrangente, tanto no que se refere aos aspectos sociais, culturais e, principalmente históricos.

Referências

BARDIN, L. (1995) *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1995

CONSTANTINO, N. (2002) Pesquisa histórica e análise de conteúdo – pertinências e possibilidades. *Revista de Estudos Ibero-Americanos*. PUCRS. VXXVIII. Nº1, p-183-194, junho.

DEMARTINI, Z.; TENCA, A.; TENCA, S. (1985). *Velhos mestres das novas escolas: um estudo das memórias dos professores da 1ª República*. Relatório de Pesquisa. São Paulo, INPE/CERU.

DURAN, M. C. G. (1998). *Vida de educadores – uma leitura dos referenciais teórico-metodológicos*. In: *Revista Educação & Linguagem/Faculdade de Ciências da Educação e Letras, Universidade Metodista de São Paulo*. V.1, nº 1 – SBC: UMESP, p.45-65.

FLEURI, R. M. (2003). Intercultura e educação. In: *Revista Brasileira de Educação*, Maio-Agosto, número 023. São Paulo: ANPEd, p.16-35

FONSECA, S. (1997). *Ser professor no Brasil: história oral de vida*. Campinas, São Paulo: Papirus

HALL, S. (1997) *A identidade cultural na pós-modernidade*. 2ª ed. Rio de Janeiro: DP&A.

MAGALHÃES, C. (2000). Interdiscursividade e conflito entre discursos sobre raça em reportagens brasileiras. In: *Linguagem em (Dis)curso*. Universidade do Sul de Santa Catarina. v.1, nº 1 Tubarão: Unisul, p.35-60.

NÓVOA, A. (org.). (1995). *Vida de professores*. Portugal: Porto Editora.

PENNA, R. (2005). *Fontes orais: avanços e perspectivas*. Porto Alegre: EDIPUCRS.

PINTO, R. P. (2002a) A questão racial e a formação de professores. In: OLIVEIRA, Yolanda (org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Cadernos PENESB*. 4. Niterói: EdUFF, p. 113-132.

_____. (2002b) Educação e diferenças étnico-raciais: a visão das revistas em educação. In: OLIVEIRA, Yolanda (org.). *Relações raciais e educação: temas contemporâneos. Cadernos PENESB*. 4. Niterói: EdUFF, p.161-180.

RICOEUR, P. (1969) *Le conflit des interprétations. Essais d'herméneutique*. Paris, Seuil, coll. «L'Ordre philosophique».

SILVA, G. F. da. (2000). Produção do conhecimento e ações coletivas sobre negro e educação no RS - por uma cartografia das abordagens e das práticas. In: *Anais Congresso Brasileiro de Pesquisadores Negros 2000*. Recife.

SZYMANSKI, H. (2002). Perspectiva para análise de entrevistas. In: SZYMANSKI, H. (org.). *A entrevista na pesquisa em educação: a prática reflexiva*. Brasília: Plano Editora.

_____. (1995). *Tempo e narrativa* (tomo II). São Paulo: Papirus.

URBANO, H. (1997). A expressividade na língua falada de pessoas cultas. In: PRETI, D. (org.). *O discurso oral culto*. São Paulo: Humanitas Publicações – FFLCH/USP.